

O sentido da liberdade e outros diálogos difíceis

ANGELA Y. DAVIS

São Paulo: Boitempo, 2022. 158 p.

*Manoelly Rodrigues da Silva**

Angela Davis é sem dúvida uma das teóricas feministas e marxistas negras de maior destaque no debate público contemporâneo. O caminho teórico e político que a autora percorre para tratar de temas de seu interesse traz um impressionante imbricamento entre a sua vida e a sua luta política. Nascida no sul dos estados Unidos, em um dos estados mais segregacionistas ainda no século XX, Birmingham, no Alabama, o que esperaríamos de uma mulher negra que segue os passos da filosofia e da luta pelos direitos civis? Davis é uma mulher que traz em seus textos, temáticas que giram em torno da condição da população negra, das mulheres no geral e das negras em particular, da população LGBTQIAPN+, do povo palestino e da população carcerária. É notável, portanto, como os seus escritos buscam evidenciar as formas como o racismo, a LGBTfobia e tantas outras opressões agem dentro do sistema capitalista e neoliberal. Em “O sentido da liberdade e outros diálogos difíceis” não poderia ser diferente.

O livro é composto por 12 palestras da filósofa que ocorreram entre 1994 a 2009. Chama a atenção o fato de que todas essas palestras possuem o fio condutor da busca pela emancipação dos povos marginalizados. Essa libertação, para a autora, precisa ser necessariamente engajada e coletiva, pois não existe luta

* Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: manoelly_silva@hotmail.com

revolucionária por libertação de opressões e liberdade sexual sem solidariedade coletiva. Davis pontua em suas palestras como o racismo estrutura as bases da sociedade e distorce o sentido da liberdade e da democracia. Sendo o racismo aquilo que estrutura as relações sociais, é preciso compreender que ele, diferentemente do período colonial ou até mesmo do século XX, se apresenta hoje sob diferentes formas veladas socialmente, mas, evidentemente, sem apoio nas leis.

Davis observa que nos Estados Unidos as leis de segregação que eram direcionadas à população negra foram abolidas, mas a ação do Estado não deixou de reproduzir o racismo, seja no encarceramento em massa de minorias étnicas, seja na repressão policial contra essa população, seja pela falta de políticas públicas que viabilizem o bem-estar social estabelecendo uma justiça social que torne possível que, concretamente, essa população tenha moradia digna, acesso à educação de qualidade, à saúde etc.

O neoliberalismo difunde e aprofunda o individualismo na sociedade contemporânea, transformando a luta coletiva contra as opressões em função salvadora e heroica de indivíduos isolados. Para Davis, no entanto, sem a coletividade, personalidades como Martin Luther King e Malcom X não teriam tido êxito. Segundo a autora, essa redução individualista mistifica a ação transformadora do mundo, como, por exemplo, ocorreu com o ex-presidente estadunidense Barack Obama. Evidentemente não se pode deixar de considerar a vitória eleitoral de Obama como uma vitória também para a população negra, visto que um país tão segregacionista elegeu um homem negro. Mas o erro dos progressistas teria sido o de não reivindicar do Estado presidido por esse homem negro, uma ação que favorecesse a população marginalizada daquele país.

No fim das contas, Obama continuou com a política violenta de seu antecessor, George W. Bush, com relação à “guerra contra o terror”, que criou uma caricatura do terrorista e, já desde Bush, incutiu o medo e o preconceito contra pessoas muçulmanas, perpetuando a segregação de povos subalternos e, no caso da “guerra contra o terror”, a categorização daquele que é terrorista a partir de características físicas e culturais. A autora ressalta, portanto, que nenhuma transformação social significativa se faz a partir de uma única pessoa.

Outro apontamento importante a ser feito diz respeito à concepção estadunidense de multiculturalismo. Segundo a autora, nos EUA parece suficiente que haja mulheres negras em posições de poder para se considerar que o multiculturalismo está concretamente presente naquele Estado. Segundo Davis, ter uma mulher negra em cargos de alto escalão não necessariamente significa que ela exerça o poder de fato e de forma autônoma. Não é raro que mulheres sejam alçadas ao poder sem nenhuma independência política ou econômica para decidir. Ou seja, a simples posição individual e isolada de pessoas advindas de parcelas marginalizadas no poder não garante por si só que as pautas sociais estejam salvaguardadas.

O encarceramento em massa é também uma das pautas fortemente discutidas na sua agenda. Davis é uma ativista do abolicionismo prisional e isso implica dizer que a autora vislumbra a política de extinção de presídios. Evidentemente a autora compreende o caráter processual e lento das possíveis conquistas nessa área. A princípio a autora compreende que é preciso cessar a construção de complexos industriais-prisionais. Davis aponta o interesse econômico desses complexos na reprodução do racismo na medida em que ele é um dos principais fundamentos do encarceramento em massa. Isso porque impossibilitar a liberdade de determinados setores da população em detrimento de outros é resultado de uma política racista, com evidentes raízes coloniais. Parte-se do pressuposto de que a liberdade geral só é afirmada quando se cerceia a liberdade de uma parcela marginalizada da população. Em termos claros, para que a branquitude afirme sua liberdade, ela precisa encarcerar a população subalterna. Diante disso, percebe-se que o racismo velado do capitalismo contemporâneo mostra toda a sua perversidade quando lucra com a violência social e política contra as minorias (que na verdade são a maioria da população). Segundo Davis, essas instituições mostram seu caráter não porque prometem a reabilitação, mas justamente porque se percebe que esse não é o seu objetivo.

As perguntas que vez ou outra a autora faz em suas palestras são significativas: quem têm acesso à educação? E essa população que têm acesso é a mesma população que é encarcerada? Por que encarcerar em massa no lugar de lhes oferecer garantias de sobrevivência? Entre as respostas que Davis aponta está o vultuoso lucro com o racismo prisional. Transferir responsabilidades do Estado para as instituições privadas – alheias ao bem-estar da população encarcerada – torna-se útil para ambos. Desse modo, tanto o Estado quanto essas instituições perpetuam violências contra corpos marginalizados, violências essas que se mostram em linha de continuidade com o passado colonial.

Essa perpetuação da violência colonial faz-nos lembrar do fim da escravidão estadunidense, quando os linchamentos se tornaram aporte do Estado para infligir violência e construir estereótipos aos ex-escravizados, quando, por exemplo, homens negros foram acusados de estupro para validação do seu linchamento. Por mais que hoje, formalmente falando, o Estado não ataque diretamente as minorias, isso não deixou de ocorrer, percorrendo outros caminhos que passam principalmente pela marginalização e encarceramento. Estamos diante de um paradoxo: se, por um lado, a lei não discrimina, por outro, os mandatários do poder usam a lei para discriminar.

Além da questão do encarceramento em massa, Davis nos mostra como a questão de gênero não pode estar dissociada das lutas sociais. Ela vê com preocupação o aumento do encarceramento de mulheres e de como a violência sexual ainda é motivo de temor para a população feminina. Quando tomamos conhecimento das especificidades das violências cometidas contra corpos femininos ou que performam feminilidade (como é o caso de mulheres trans e travestis) nos vem

novamente a mente cenas do período colonial e de como as mulheres escravas, além de sofrer o açoite de seus senhores, sofriam a violência de gênero. Diante disso, a autora enfatiza a importância da construção de solidariedades transnacionais, reivindicando um senso de coletividade que extrapole as barreiras de um nacionalismo segregacionista, que passou a ser enraizado principalmente a partir do 11 de setembro nos Estados Unidos. A solidariedade permite um mundo melhor em que as pessoas sejam mais empáticas com a dor do outro. Ela nos leva a pensar que a causa dos palestinos, dos negros e negras, da comunidade LGBTQIAPN+ e das mulheres possui inimigos em comum: o racismo, o patriarcado e o capitalismo. O sentido da liberdade é um livro que nos inspira a querer a transformação do mundo e a busca por emancipação. Davis nos inspira a alcançar uma liberdade que abarque todos os povos, ela une a luta e a liberdade, vislumbrando um mundo em que as pessoas sejam mais solidárias e mais conscientes de si.